

MENSAGEM

Marchai, descalços, duros, pés de verso,
Buscai-me o gral onde imolei meus deuses.
Soprai nos seus ouvidos, ontem de ouro
Hoje de obscura cinza, pó de tempo
Que ele, os vencia ainda, o jorral verde
Que um dia celebrou seus milagres fecundos.

Dizei-lhes que então vinham
Tecer silentes minha eternidade
Que a lava antiga é pura cal agora,
E queimai-lhes incenso, luto em fumo,
E salvai-me farrapos de seus mantos
Onde possa chorar meu disfarce ferido.

Dizei-lhes que se podem
Como chuvas de sêmen sobre campos de sal
Sem mancha, mas horríveis
Que desçam sobre a urna deste clvício
E engendrem rosas rubras
Do excremento em que fiz seus dons de trigo e vinho.

Segue, alegria, busca-me nos portos
E nas fragas de antanho e nas praias de algures
Os deuses que afoguei no mar absurdo
De um casto sacrifício.

Apenha estas palavras do chão tumbido
Onde as deixo cair, findo o dilúvio.

Forma delas um palco, um absoluto

Onde possa dançar de novo, nú

Contra o peso do mundo e a pureza dos anjos

Até que a lucidez venha construir

Im templo justo, exato, onde cantemos.



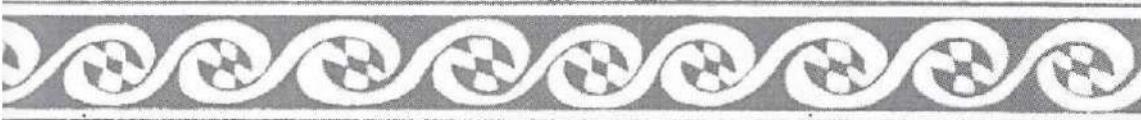
BREVE NOTÍCIA DE UM POEMA,

SUAS HORAS E SUAS VERSÕES

João Carlos Pereira

Jornalista e escritor. Professor de História
da Arte na UNAMA.

Membro da Academia Paraense de Letras





O trigésimo ano de publicação de **O Homem e sua Hora** foi motivo para que “O Liberal”, em sua edição de 15 de novembro de 1985 - data de aniversário do jornal - rompesse o silêncio que cercava a lembrança de um dos mais importantes livros de poemas, em língua portuguesa, no século XX, e saísse um Caderno dedicado à história da formação paraense do poeta Mario Faustino que, nascido no Piauí, criou-se em Belém e daqui saiu para cumprir seu destino iluminado e de trágico final.

Fui chamado para preparar o material sobre a vida de Mário entre nós. Esse trabalho, que o então diretor-redator-chefe de “O Liberal”, jornalista Cláudio Augusto de Sá Leal, me propôs, na forma de um desafio, consistia em encontrar e entrevistar os amigos de Mário Faustino. Penso que, em vinte e um anos de jornalismo, completados em janeiro de 2003 e todos eles vividos em torno da redação de “O Liberal” e da TV Liberal, poucas vezes me dediquei tão integralmente à execução de uma tarefa como essa de recuperar, pela palavra dos amigos, a presença de Mário Faustino em Belém.

Depois de ouvir pessoas que estiveram sempre muito perto dele e de seu coração, consegui fechar a edição, que trazia entrevistas com os professores Bertedito Nunes - apresentado como o maior amigo e crítico que melhor conheceu sua poesia - Ruy Barata, Albeniza Chaves, Francisco Paulo Mendes e Walquíria Mello; os poetas José Ildone, Anamaria Barbosa Rodrigues, José Maria Villar Ferreira, José Guilherme de Campos Ribeiro, Max Martins e Age de Carvalho, o romancista Haroldo Maranhão, os jornalistas Antônio Pantoja, Ossian Brito, Mário Couto e Maria Augusta Cotrim de Britto e uma amiga do poeta, a senhora Yvette Vieira Pinto de Araújo, colega de Mário, ao tempo em que trabalhavam na SPVEA, e que, no momento da entrevista, chefiava o setor de Taquigrafia da Câmara dos Deputados. De todos recolhi informações que me ajudaram a dar contornos humanos à interessantíssima figura de Mário Faustino. Cada um me revelou o Mário que conheceu e amou. Todos convergiam para os mesmos pontos: a sensibilidade, a doçura, a elegância, a irreverência, a beleza física, a inteligência privilegiada, a vastíssima cultura e o jeito de ser raro de um homem que, nos escassos 32 anos que viveu, esteve à frente de seu tempo e construiu uma obra ímpar. Todos os “Mários” - e o mesmo Mário - eram, em síntese, uma saudade especial.

Se o Caderno me deu oportunidade de conhecer e compartilhar o Mário Faustino, de cujas feições não me recordo, embora frequentasse a casa onde nasci, para ouvir música clássica na compa-

nhia de meu pai, Joel Pereira, uma entrevista me possibilitou entrar em contato com uma experimentação poética rara. Poeta artífice, artesão no melhor sentido do lapidador de versos, escrevia e reescrevia seus poemas até que, tendo vida própria, adquirissem a luz que os mantêm vivos. Quem testemunhou muito de perto esse trabalho foi dona Yvete Araújo, que trabalhava na mesma repartição do poeta.

Um dia, estando perto dele, viu-o trabalhando um poema, cuja versão- a segunda, conforme dona Yvete me disse – não ficou do seu agrado. Mário riscou o texto, embolou a folha onde o havia datilografado e jogou no lixo. Dona Yvete sabia que o que estava no cesto não era apenas um passo para a versão definitiva do poema “Mensagem” e guardou aquela bola de papel amassada. Muitos anos se passaram e ela jamais se desfez do poema porque, ainda que sujeito a mudanças, um original de Mário Faustino é um original de Mário Faustino.

Quando já estava com a edição quase fechada, dona Yvete me mandou uma cópia do poema. Olhando um e outro textos, percebi-se como Mário era cuidadoso, quando fazia seus versos. A ele caberia perfeitamente uma expressão que, certa vez, ouvi do professor Inocêncio Machado Coelho, referindo-se a uma outra pessoa: “tinha as mãos de Baudelaire, porque tudo que saía delas era perfeito”.

Para esta edição de “Asas da Palavra”, em homenagem a Mário Faustino, pensei em apresentar as entrevistas dos amigos. Mas eram tantas para tão pouco espaço que seria injusto, por exemplo, trazer a de Mário Couto e deixar de lado a da professora Albeniza Chaves; ou publicar a de Campos Ribeiro e deixar a de Ruy Barata de lado. Ou saíam todas, ou não saíam nenhuma, porque formam um mosaico. Uma ausência comprometeria o retrato. Em um outro momento, poderão ser publicados na íntegra. Só não posso fazer o mesmo com algumas cartas do poeta que dona Maria Augusta me entregou e que foram ficando, foram ficando, até que não tive mais chance de devolvê-las à sua dona. São lindas cartas de amigos, cuja privacidade, imagino, deve ser, de alguma forma, preservada. Como nem remetente, nem destinatária estão mais entre nós, guardo-as como lembrança da delicadeza da jornalista Maria Augusta, uma das mulheres mais inteligentes e finas que conheci. O que de mais curioso e de vida mais autônoma poderia extrair daquela pesquisa está aqui reproduzido: uma versão do poema e sua forma assentada, que entrego ao leitor, com a marca da caneta do próprio Mário, que fez um X sobre os versos e os assinou como Marius Faustinus.

